

## MEMÓRIA E IDENTIDADE NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

PETRILLO, Regina Pentagna<sup>1</sup>

### RESUMO

Na ficção brasileira, a memória é um tema recorrente que se apresenta em formas variadas e com objetivos diversos: memoriais, diários, confissões, autobiografias, memória de personagens, memória individual, memória coletiva; lembrar para testemunhar, convencer, buscar entender o que foi e o que ainda virá ou, simplesmente, para não esquecer. Na modernidade tardia, as pessoas foram forçadas a lidar cada vez mais com a descartabilidade, a novidade e a perspectiva da ausência instantânea de modas, produtos, técnicas, idéias, valores e práticas estabelecidas. Neste cenário veloz e volátil, em que nunca foi tão presente a sensação de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, o império é do agora. Pautado em tais considerações, este artigo analisa a questão da memória no romance brasileiro contemporâneo através do romance *A céu aberto*, de João Gilberto Noll.

**Palavras-chave:** Memória; Identidade; Romance brasileiro contemporâneo.

### SOMMARIO

Nella narrativa brasiliana, la memoria è un tema attraente che entra in varie forme e con molti obiettivi: commemorativo, agende, confessioni, autobiografie la memoria di caratteri, memoria individuale memoria collettiva; ricordare a testimoniare, convincere per guardare per capire quello che era e quello che ancora verrà, o semplicemente per non dimenticare. Nella tarda modernità, le persone furono costrette per lavorare, sempre più col descartabilidade, l'innovazione e la prospettiva dell'assenza istantaneo di maniere, prodotti, tecniche, le idee, valori e pratiche stabilite. In questo scenario veloce e volatile, in quello non era mai così presente la sensazione che “tutto quello che è solido scompaia nell'aria”, l'impero ne è ora. Dominato in tali considerazioni, questo articolo analizza il soggetto della memoria nel romanzo brasiliano e contemporaneo attraverso *A céu aberto*, di João Gilberto Noll.

**Parola-chiavi:** Memoria; Identità; Romanzo brasiliano contemporaneo.

---

1- Doutora em Teoria Literária pela UFRJ. Professora de Teoria Literária e Literatura Brasileira e Comparada.

Em a *Era dos extremos*, o historiador Eric Hobsbawm, delimitando o século XX entre 1914 e 1991, afirma que estamos vivendo hoje o início de uma nova era:

Não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou<sup>2</sup>.

Fredric Jameson aponta no final da década de 80 a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica: o capitalismo tardio<sup>3</sup>. Para o sociólogo, o capitalismo tardio constitui a mais pura forma do capital surgida até então: “pela primeira vez na história, o capitalismo aproxima-se de constituir um sistema universal penetrando em todos os aspectos da vida, do Estado, das práticas, das ideologias e da cultura”.

O Brasil, a partir de meados da década de 1980 passou por profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Em 1985, termina o regime militar e nesta mesma década, a “modernização” do país empreendida desde a década de 1960 com base, sobretudo, na industrialização, acelera-se. A partir da década de 1990, a despeito do descompasso presente em todos os níveis, devido à convivência de atraso e progresso, de miséria e de sofisticação tecnológica, assiste-se a inserção do país no circuito do capitalismo avançado.

Mundialmente, a globalização trouxe crise em todas as esferas: social, política, econômica. Sob o primado do capitalismo avassalador e da economia neoliberal, com suas imposições e consequências, os indivíduos vêm-se diante de um mundo em crise, marcado por incertezas e desintegração.

No universo contemporâneo, os indivíduos são forçados a lidar cada vez mais com a descartabilidade, a novidade e a perspectiva da ausência instantânea de modas, produtos, técnicas, idéias, valores e práticas estabelecidas. Neste cenário

---

2- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 15. O historiador afirma que estamos vivendo hoje o limiar de uma nova época “qualitativamente diferente” daquela do início do século em pelo menos três aspectos: o mundo deixou de ser eurocêntrico e os EUA da década de 1990 vêm o “Século Americano” às suas costas, sua era de ascensão e triunfo; em questões econômicas, sobretudo, o globo é agora a unidade operacional básica (os “Estado-nação” territoriais, soberanos e independentes, foram esfacelados pelas forças de uma economia supranacional ou transacional); desintegração de velhos padrões de relacionamento social e humano, e com ela, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente. (Ibid., pp. 23, 24).

3- JAMESON, Fredric. “Pós-modernidade e sociedade de consumo”. In: *Novos Estudos Cebrap*, no. 12, São Paulo: Cebrap, junho de 1985, p. 17. Ver também in: JAMESON, Fredric. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2004, pp. 24, 25, 29.

veloz e volátil, em que nunca foi tão presente a sensação de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, o império é do agora, como mostra David Harvey<sup>4</sup>.

Para Hobsbawm a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é o fenômeno mais característico do final do século XX. Nessa sociedade, diz o historiador, indivíduos egocentros sem nenhuma conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação imediata (o lucro e o prazer) vivem numa espécie de presente contínuo sem qualquer relação orgânica com o passado público de sua época<sup>5</sup>.

Norteadas pelas considerações acima, analisarei o diálogo memória/identidade traçado pela literatura brasileira da modernidade tardia, para tal tomei como objeto de estudo o romance *A céu Aberto*, de João Gilberto Noll.

Em 1996, Noll publica *A céu aberto*. Nesta obra como nas demais, o escritor instaura uma estranha e oblíqua escrita em que se configura a recusa ao realismo e à verossimilhança. O texto rompe com a noção de verdade preexistente, de um saber aquém da linguagem. A única verdade ou realidade é aquela criada pelo próprio texto.

O livro inicia-se com uma cena que sugere uma volta ao passado infantil através da expressão “Naquele tempo” e de outras sugestões de resgate do passado por retalhos da memória. Abruptamente, no entanto, esta cena inicial é suspensa. Fica-se sabendo que ela faz parte de um pesadelo do qual o narrador emerge no meio da noite. A partir daí, o leitor é introduzido no universo diegético em

---

4- David Harvey mostra que a transição para a acumulação flexível, feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas, implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração necessária ao atendimento de novas necessidades de produção e que esta aceleração generalizada dos tempos de giro do capital teve como consequência a intensificação da volatilidade e da efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias ideológicas, valores e práticas estabelecidas. Por intermédio de mecanismos altamente eficazes da perspectiva do giro dos bens de consumo as pessoas foram forçadas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea, desencadeando influências nas maneiras pós-modernas de pensar, de sentir e de agir. Ou seja, a ênfase nos valores da instantaneidade e da descartabilidade significou, também, ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e de ser. Ainda segundo Harvey, podemos vincular a aceleração dos tempos de giro do capital (na produção e no consumo) com, termo de Jameson (2004, 56-58), a dimensão esquizofrênica da pós-modernidade: a experiência passada é comprimida em algum presente avassalador e o futuro perde qualquer sentido. E ainda, a volatilidade e a efemeridade tornaram difícil manter qualquer sentido firme de continuidade. Cf. HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 258 – 264.

5- HOBBSAWM, Eric. *Ob.cit.*, pp. 13, 25.

que se desenrolará a atribulada trajetória do protagonista narrador. Este narrador, cuja identidade não é definida, transita por um universo não muito diferente do onírico. Relata situações sem qualquer estrutura temporal numa sucessão de situações em que o real e o imaginário, o narrado e o vivido, o passado e o presente – tudo tem a mesma espessura, impedindo o leitor de separar o que é realidade do que é imaginário. Esse personagem sem nome, sem família, sem pátria e cercado por seres ambíguos tem como único dado concreto apenas o próprio corpo.

A trajetória começa com o narrador, em estado de mendicância, partindo com o irmão doente na tentativa de encontrar o pai que se encontra em um campo de batalha qualquer. A busca por um pai sem nome por personagens também sem nome já indicia a crise das identidades que estará estreitamente relacionada à indefinição de referentes espaciais e temporais e à impossibilidade do apoio na memória, na experiência vivida.

O primeiro espaço ao qual o texto alude é a “casa”.

Segundo Bachelar a casa é o primeiro mundo do ser humano, mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela afasta contingências, permite o sentido de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso <sup>6</sup>. Em *A céu aberto*, no entanto, ela é apenas um lugar de passagem tomado de empréstimo:

Lembrei-me que acordávamos mais uma vez com aquela bruta fome. E hoje eu não poderia rondar com meu irmão pelas ruas da cidade pedindo dinheiro aos passantes, porque o meu irmão precisava antes ficar bom, a gente precisava naquele dia era ir até a frente de batalha e pedir ajuda ao nosso pai, sei lá, uma vaquinha entre os soldados para comprar remédios para o garoto, que estava ardendo em febre naquela cama suja do pardieiro que encontráramos vazio fazia tempo. <sup>7</sup>

E, da mesma forma que a casa, todos os outros espaços apresentados no texto serão apenas lugares de passagem, momentos da trajetória do protagonista. (e ainda) Estes espaços não receberão nenhuma caracterização física ou social que permita localizá-los no mundo geográfico do leitor. Por sua vez, os espaços conhecidos quando nomeadas não apresentarão nenhuma relevância na trama. Serão referências vazias, nomes que nada significam.

---

6- BACHELAR, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 26-27.

7- NOLL, João Gilberto. A céu aberto. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 11.

Em *A céu aberto*, não há, portanto, lugares. Há, apenas, espaços<sup>8</sup> de itinerância por onde transitam personagens sem destino. Os espaços se apresentam indefinidos e atravessados por uma atmosfera que acentua a imprecisão e a irrealidade e são povoados por criaturas também irrealis, sem passado, sem elo social, sem destino, que se aproximam mais à aparições, à espectros, do que a seres concretos. Tudo isso leva à idéia de um universo das margens e, portanto, da dispersão do indivíduo.

Neste espaço, o protagonista transita, inicialmente, em busca do pai. A busca do pai é, sem dúvida, a busca pelas origens. Nesta busca, o narrador penetra no contexto de uma guerra indefinida, em país não identificado e com inimigos também desconhecidos. O pai é encontrado. Ocupa o lugar mais importante do *front*. Não quer que a guerra cesse, guerreia por prazer. O encontro não garante a identificação do filho com o pai que o obriga a alistar-se no exército. Negando-se a participar da guerra e assinalando a inutilidade de manter uma organização que não se preocupa com os seus membros, o filho passa a desejar a morte do pai.

No texto, neste momento, é clara a alusão a Totem e tabu, de Sigmund Freud, e o trecho é o seguinte:

(...) o meu pai jamais quis contar o segredo guardado no tal ápice do monte, eu ficava olhando lá para aquela ponta culminante lá no alto e não conseguia imaginar que coisa havia ali para que o inimigo quisesse vir e tomar de nós, mais tarde escutei de algumas bocas que lá existia uma espécie de totem em cuja base estava enterrado aquele que nos primórdios ferira mortalmente a honra do inimigo (...).<sup>9</sup>

No estudo do mito do pai primevo, Freud mostra que um pai cruel é morto pelos filhos e depois por eles devorado. Para Freud, o pai, assim como o inimigo, deve de ser silenciado para que o indivíduo ou a nação se estabeleça e, assim, possa construir uma nova a identidade (individual e/ou coletiva). Já a devoração totêmica simboliza a obediência à lei do pai através da manutenção da identificação entre pai e filho.

---

8- De acordo com Giddens, apesar das noções espaço e lugar serem freqüentemente usadas como sinônimos, lugar é mais bem conceituado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente. GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 26 – 27.

9- NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. ob. cit., 22.

No texto do Noll, o desejo de matar o pai não se concretiza. A identificação com o pai não ocorre e o filho transgredir a lei do pai com deserção.

Entendendo a figura do pai como representação da cultura, da civilização ou de um determinado corpo social, a deserção do protagonista significa a sua ruptura com os códigos da cultura paterna.

Da mesma forma que o pai biológico não garante identidade ao filho, os pais substitutos (Arthur, homossexual por quem o personagem nutre uma paixão não resolvida, o filho de Arthur, comandante do navio, um pai castrador que prende e protege para satisfação de seus desejos) que aparecerão no texto também não fornecem ao protagonista uma identidade estável, antes reforçam a ambigüidade. Sobretudo a ambigüidade sexual será bastante enfocada na obra. O protagonista, Artur, o filho deste e o irmão do protagonista (ser indefinido/ andrógino: ora irmão do protagonista, ora mulher) ressaltam o desejo de ruptura com as fronteiras entre os gêneros. Instaurando uma sexualidade difusa, indefinida, e, na maioria das vezes, perversa.

Sem nome, sem lugar, sem origem, excluído do universo social, excluído da condição de cidadão, o protagonista tem construir a identidade por outra via.

A memória também constitui um fator de identificação. É na memória que se reconhece o que nos distingue e nos aproxima. Mas no universo dos personagens de *A céu aberto* a memória encontra-se em processo de decomposição, a caminho da inexistência. Todos os dados os quais possibilitam a constituição da memória - datas, diacronia, precisão espacial e temporal - são suprimidos ou esvaziados pela descontinuidade delirante das coordenadas espaciais e temporais (por um espaço múltiplo e sem contornos definido e por um tempo indeterminado).

A indeterminação temporal percorrerá o texto e pode ser percebida logo nas primeiras páginas da narrativa quando o narrador mostra dificuldade em situar-se temporalmente:

Sacudi o meu irmão na cama ao lado e perguntei se ele ouvira as badaladas do sino do meio-dia... ao meio dia de ontem ou de hoje?, eu mesmo perguntei distraído<sup>10</sup>.

---

10- Ibidem. p. 10.

Esta indeterminação inicial é radicalizada mais à frente e o narrador confessa a sua incapacidade de unir o que veio antes ao que veio depois:

Tudo me confunde já: custo a unir o que veio antes ao que aconteceu depois, e quando canto começo de uma canção e termino estando em outra

<sup>11</sup>.

A incapacidade de unir o antes e o depois estabelece a ruptura entre o passado e o presente, impedindo o indivíduo de ordenar os eventos que acabam misturados e sem ligação. Deste modo, o tempo é reduzido, nos termos de Jameson, a uma dimensão esquizofrênica: a um presente contínuo que não acumula e nem estabelece vínculos com o passado. O personagem vive em um fluxo contínuo feito de múltiplos presentes desconectados que o envolve em acontecimentos cuja significação se esgota na mera faticidade (ato mecânico imediato). Preso à faticidade, sem passado, no anonimato e excluído da tradição, o indivíduo enfrenta o vazio mnemônico e o corte com a “experiência” (no sentido benjaminiano: *erfahrung*). Perde-se, portanto, a capacidade de sintetizar os eventos individuais e de transformá-los, através do ato comunicativo, em conhecimento, em experiência coletiva capaz de construir a tradição, de estruturar elos coletivos. A experiência, bem como a memória, ocorre em função de uma rede de relações entre lembranças individuais e coletivas e pressupõe a inserção do indivíduo na tradição coletiva.

É também da inter-relação entre o individual e o coletivo que se forja a identidade. Mas, em *A céu aberto*, o indivíduo encontra-se, apartado do passado, desgarrado da existência coletiva e da possibilidade de encontro com a alteridade.

A viagem sempre foi, na modernidade, a figura fundamental do encontro com a alteridade. Através da viagem dá-se o contato com o outro - histórica geográfica ou experiencial - que possibilita ao indivíduo efetuar uma síntese do passado e um salto na sua formação. Na obra de Noll, o deslocamento do personagem pelos vários espaços ou mesmo a viagem literal por ele empreendida não conduz a nada, não possui função edificante ou pedagógica. O navio em que ele embarca como clandestino não o leva a nenhum lugar. É espaço da deriva, do trânsito aleatório, e

---

11- Ibidem. p. 81.

do aprisionamento, já que o protagonista torna-se um prisioneiro, escravizado pelo desejo libidinosos do comandante.

Os caminhos, percorridos pelo protagonista de Noll, só o levam a mesmice temporal. E, a mirada ao passado não o permite encontrar nada com que se identificar ou reconhecer. Além da fragmentação, dos vazios produzidos pela rememoração, não há nada a ser reconstruído.

Em meio à superposição de fatos, delírios e de uma sexualidade desenfreada, o protagonista submerge descontente com a existência

Já pensei até em me matar. Nos últimos anos, quando a solidão me deixava bem esbugalhado e os dias se repetiam a ponto de eu pensar que entrara sem perceber numa câmara de torturas, sim, nesses dias pensei em me matar.<sup>12</sup>

Sem passado, solitário e errático o personagem de *A céu aberto* é apenas um colecionador de sensações e um consumidor de impressões cuja única certeza é a sensação de vazio.

No riso ao final da narrativa, momento em que o personagem está no limiar da morte: “na passagem do estado bruto da vida para uma espécie de existência mais difusa e elementar”, mais do que indiferença surge a certeza de que está sem proteção – a “céu aberto”:

Eu podia aprender a rir no que me faltava de tempo. Os passos ríspidos agora pelo corredor faziam o piso do quarto estremecer. Rir, dar uma boa gargalhada como se estivesse a céu aberto, logo ali, perto do mar.<sup>13</sup>

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo mundo de produtos disponíveis, projetados para a imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como os objetos<sup>14</sup>, o que torna cada vez mais difícil o desenvolvimento de uma identidade estável. Bauman ressalta que, por um lado, o terrível desta nova situação é que todo diligente trabalho de construção da identidade pode ser inútil; por outro lado, o fascínio da

---

12- Ibidem. p.

13- Ibidem. p. 164.

14- LASCH, Christopher, citado por Bauman in: BAUMAN, Zygmunt O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 112.



nova situação se acha no fato da identidade não estar comprometida com o passado e de nunca ser irrevogavelmente anulada. E, desse modo, as opções permanecerem sempre em aberto. Porém, tanto o lado terrível quanto o fascinante da situação fazem da vida uma peregrinação dificilmente factível e sem grande possibilidade de sucesso.

A mimese instaurada pela obra de João Gilberto Noll, não traça uma relação imediata com a realidade. Mas alcança retratar o movimento e a estrutura de sentimentos gerados pela condição pós-moderna, em particular, pela conflituosa experiência do espaço e tempo contemporâneos e pelas conseqüências desta experiência sobre a memória e a identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELAR, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 258 – 264.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos – o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- JAMESON, F. **“Pós-modernidade e sociedade de consumo”**. In: Novos Estudos Cebrap, no. 12, São Paulo: Cebrap, junho de 1985.
- A lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2004.
- NOLL, J.G. **A céu aberto**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.